



**Banheiro da Memória:
A extensão universitária e a experiência do Programa Em Defesa do
Patrimônio Cultural na Comunidade Ribeirinha de Nazaré¹**

Marcele Regina Nogueira Pereira
Universidade Federal de Rondônia

“Cada lugar é a sua maneira o mundo.”
Milton Santos.

RESUMO: A Universidade Federal de Rondônia, ciente de sua responsabilidade diante das demandas sociais do município de Porto Velho e Estado de Rondônia, especialmente no que se refere à Memória e ao Patrimônio Cultural, submeteu ao MEC/PROEXT, por meio do Departamento de Arqueologia, o Programa de Extensão “Em Defesa do Patrimônio Cultural dos Ribeirinhos: educação, memória e cidadania no Baixo Rio Madeira – PROEP”, com o intuito de produzir conhecimentos que contribuam com o fim do sucateamento, marginalização e descaso cultural a que são submetidas às comunidades tradicionais do Baixo Rio Madeira. O programa previu em suas atividades iniciais ações que visaram fortalecer a identidade local, por meio da identificação das potencialidades incentivando o desenvolvimento das iniciativas culturais, empreendidas pelos próprios moradores e grupos locais. Com destaque para o enfrentamento das questões sociais mais urgentes, a partir de referências teóricas pautadas por estudos decoloniais, com ênfase no fortalecimento de outras epistemologias em diálogo com a Universidade. O programa pretendeu contribuir com a garantia do direito à memória como alternativa a manutenção da dignidade humana e a consequente preservação dos modos de viver, dos saberes e fazeres das comunidades ribeirinhas tradicionais.

PALAVRAS-CHAVE: Extensão Universitária. Inventário participativo. Memória. Comunidade Ribeirinha.

¹ Projeto da Universidade Federal de Rondônia, Núcleo de Ciências Humanas – Departamento de Arqueologia, apresentado e aprovado em Edital público ofertado pelo Ministério da Educação - PROEXT/MEC/SESU com execução em 2015 e 2016, tendo como Título: EM DEFESA DO PATRIMÔNIO CULTURAL DOS RIBEIRINHOS: EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E CIDADANIA NAS COMUNIDADES DO BAIXO RIO MADEIRA/PROEP. Este programa foi desenvolvido em seus dois primeiros anos por uma equipe multidisciplinar linda, competente e atuante composta por bolsistas discentes oriundos dos cursos de Arqueologia, Ciências Sociais, Artes Visuais e Biologia da Universidade Federal de Rondônia e contou com o apoio imprescindível dos Professores Luis Fernando Novoa Garzon (Departamento de Ciências Sociais), Maria Aparecida Louzada (Departamento de Ciências da Educação), Edison Arcanjo do Carmo (Departamento de Artes), Maria das Graças Silva Nascimento Silva (Departamento de Geografia – Grupo de Pesquisa Gênero e Gêncultura) e Valéria Cristina Ferreira e Silva (Departamento de Arqueologia). Contribuíram também para as realizações do PROEP em suas diferentes ações parceiros da sociedade civil como o poeta Elizeu Braga, os integrantes do Grupo Minhas Raízes, o Instituto Minhas Raízes, a Escola Estadual Francisco Desmores Passos e moradores da comunidade de Nazaré. Aproveito para deixar aqui registrado votos de profundo agradecimento por esta construção conjunta, solidária e militante que segue.

**Banheiro da Memória:
A extensão universitária e a experiência do Programa Em Defesa do
Patrimônio Cultural na Comunidade Ribeirinha de Nazaré.**

Marcele Regina Nogueira Pereira

Introdução

A prioridade do Programa de Extensão “Em Defesa do Patrimônio Cultural dos Ribeirinhos: educação, memória e cidadania no Baixo Rio Madeira – PROEP”, foi revelar a complexidade cultural ribeirinha fortalecendo suas dinâmicas e processos. Para isso, foi utilizada como estratégia a análise do contexto cultural e político da produção e reprodução do conhecimento, inserido na lógica que valoriza as epistemologias provenientes dos grupos e comunidades tradicionais (SANTOS, 2010). O programa esteve pautado no diálogo promovido a partir do respeito à produção cultural, as dinâmicas e as estratégias de sobrevivência diárias que alimentam o desejo de que a cultura ribeirinha saia da condição de subalternidade e escassez, pelo qual é vista por muitos, e possa ser considerada e valorizada a partir de seus impactos em outras áreas sociais, por sua pluralidade, grandiosidade e sabedoria.

Um dos objetivos do PROEP foi traçar um inventário participativo cultural da comunidade de Nazaré com vistas a desenvolver iniciativas que pudessem provocar discussões e reflexões a partir da produção cultural. Dessa forma, de maneira espontânea, dada a preocupação com a memória no local, surge à discussão junto à comunidade a fim de pensar nos museus e como este espaço pode contribuir, ou não, com o fortalecimento das dinâmicas socioculturais.

Neste artigo apresentamos alguns resultados do Programa de Extensão, com vistas a compartilhar nossas dificuldades, reflexões teóricas, acúmulos e descobertas, buscando compreender os desafios acerca da extensão universitária enquanto ferramenta de aproximação entre universidade e comunidades tradicionais. Além destes aspectos discutiremos de forma breve, como tais elementos contribuem para a constituição de Nazaré como um território de Memória, onde o Museu Ribeirinho, pautado por reflexões decolonizadoras, a partir da influência das reflexões da Museologia Social, pode significar um passo importante para o fortalecimento e difusão das práticas culturais e memórias locais.

Motivação para a Extensão Universitária

O Estado de Rondônia contabiliza uma série de ciclos econômicos que despertaram o interesse e a procura por suas terras. Imigrantes sedentos por mudanças em suas condições de vida, muitas vezes totalmente precária, abandonavam suas famílias em busca de oportunidades de crescimento e mesmo de sobrevivência. O extrativismo do látex denominado ciclo da borracha que se estendeu desde fins do século XIX, durante o primeiro ciclo e mesmo depois da década de 1940 no chamado segundo ciclo da borracha. Em ambos os casos, nordestinos em maioria chegam a Rondônia em busca do “ouro branco” (RIBEIRO, 1995) a fim de minimizar os sofrimentos causados pelas sucessivas secas no Sertão Nordestino.

A construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, intimamente relacionada com o ciclo econômico da borracha, somada a implantação das linhas telegráficas no interior do Estado coordenada por Marechal Rondon também foram responsáveis por ciclos migratórios expressivos para Rondônia nas primeiras décadas do século XX. A partir da década de 1960, movimentos em busca por metais como a cassiterita e ouro também foram responsáveis por ciclos econômicos migratórios consideráveis. Atualmente os grandes empreendimentos de energia elétrica são os responsáveis por mais um ciclo econômico no Estado de Rondônia.

A chegada dos imigrantes em busca de oportunidades foi seguida de grandes frustrações, uma vez que os ciclos econômicos tiveram início, meio e fim mais próximos que poderiam suspeitar. Além disso, os entraves foram de todas as naturezas, desde a situação difícil vivenciada pelo contato direto com a floresta e com as condições precárias de trabalho proposta pelos empregadores da borracha. Diante disso, muitos imigrantes não puderam retornar para suas terras quando o declínio do ciclo da borracha começou a castigar seus sonhos. Assim, permaneceram e juntos com os povos originários da floresta, os índios, formaram um “povo novo” (RIBEIRO, 2006). Esta miscigenação ocorre no Brasil desde o período colonial e pode ser observada entre índios, negros e brancos. Os índios em contato com os brancos, provenientes da região nordeste majoritariamente, encontraram meios de se reinventar enquanto pessoas, construindo um estilo de vida que optou por uma relação respeitosa com a floresta retirando dela somente o necessário para a sobrevivência. Os ribeirinhos ou beradeiros, responsáveis pelo

“modo de vida dos povos da floresta” são frutos desta miscigenação característica da região amazônica. Todos os conhecimentos produzidos por estes povos são responsáveis pela formação de sua identidade e cultura consolidada por meio de muita resistência, principalmente por parte dos índios em preservar suas culturas originais e por parte dos nordestinos, em maioria, a necessidade de sobreviver na selva (RESENDE, 2013).

Os povos ribeirinhos lidam constantemente com a falta de percepção, por parte dos “novos povoadores” como diria Darcy Ribeiro, das especificidades de seus modos de vida, com a falta de valorização e respeito de sua cultura e identidade cabocla e indígena. Convivem com aqueles que veem na floresta uma área imensa de grandes pastagens ou grandes plantios comerciais (RIBEIRO, 2006). A pouca sensibilidade para perceber a relação de troca existente entre os povos beradeiros e a mata faz com que os conflitos de interesses esbarrem quase sempre nesta incompatibilidade de ideias e de perspectivas de vida. Esta visão de mundo que preserva o solo, a terra para desfrutá-la usufruindo daquilo que é necessário a sobrevivência respeitando as dinâmicas e os limites da natureza não é compreendida pelos argumentos desmedidos e mais radicais do progresso e do crescimento da economia.

Ao longo do Baixo e Médio Rio Madeira são listadas mais de 20 comunidades, a jusante da Usina Hidrelétrica Santo Antônio, agrupadas em cinco distritos ou regiões: Distrito de Calama: Calama, Nova Esperança e Papagaios; Distrito de Nazaré: Boa Vitória, Nazaré, Santa Catarina e Tira Fogo; Distrito de São Carlos: Bom Serazinho, Brasileira, Cuniã, Curicacas, São Carlos e Terra Caída; Região de Cujubim: Bom Jardim, Cujubim Grande, Cujubinzinho, Itacoã, Mutuns e São Miguel; Região de Porto Velho: Belmont, Boa Fé, Maravilha e Niterói. As comunidades que compõem estas regiões possuem em média uma população que varia entre 80 moradores, como em Nova Esperança, e 500 moradores como em São Miguel.

Em levantamento feito pelo projeto Ecos do Rio Madeira: participação e desenvolvimento sustentável, no âmbito do Programa Ambiental da Usina Hidrelétrica Santo Antônio, foram identificadas em linhas gerais algumas referências culturais destas comunidades. No entanto, como não era o objetivo fim do projeto, apresenta informações bastante superficiais diante do potencial cultural da região. O registro aponta que em todas as comunidades podem ser encontradas

manifestações culturais como festejos, Pontos de Cultura, contadoras de lendas e histórias, poesia, música e muitas outras.

Diante das várias dificuldades impostas diariamente, os povos ribeirinhos seguem construindo estratégias de sobrevivência econômica, social e cultural. De maneira direta são retirados de suas regiões de origem, locais de onde tiram seu sustento e persistem com seus modos de vida. Essa mudança significa para os povos ribeirinhos uma grande possibilidade de perder a identidade que os une abalando os modos de vida seus saberes e fazeres mais tradicionais. Assim, empreender iniciativas que aliem o conhecimento produzido nas universidades aos conhecimentos produzidos por estes povos, com o objetivo de fortalecer a identidade cultural dos mesmos, se faz urgente e necessário. Além de valorizar a importância da cultura material e imaterial dos povos da floresta amazônica, em especial, dos povos ribeirinhos e de compreender a necessidade de projetos de extensão universitária voltadas para a defesa destes patrimônios, a chegada das Usinas Hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau e a recente devastação causada pela cheia do Rio Madeira nos meses de janeiro, fevereiro e março de 2014, tornam iniciativas como estas imprescindíveis para manter a dignidade humana destes afetados empreendendo ações que promovam o fortalecimento de suas identidades e territorialidades.

Esta proposta de extensão buscou considerar os aspectos acadêmicos e curriculares de formação e aliou-se a uma ação que visou contribuir diretamente com a diminuição dos problemas sociais mais urgentes enfrentados pelos povos ribeirinhos. Estas populações extremamente vulneráveis e suscetíveis às variações do Rio foram fortemente abaladas pela cheia. Muitas famílias perderam suas plantações, seus animais e todos os objetos que possuíam, tendo muitas dificuldades em retomar a rotina diária. As crianças ficaram meses sem escola e contando com as ações esporádicas de grupos de voluntários e também de programas de governo em caráter de emergência para minimizar os abalos sofridos. O registro dos patrimônios e a conseqüente valorização das memórias, saberes e fazeres dos grupos constituiu-se como uma medida urgente e deve estar aliada as demais necessidades a fim de fortalecê-los para a construção de futuros possíveis.

Descendo o Rio Madeira: o início da extensão.

Inspirados pela poesia local o Programa teve início em janeiro de 2015, durante a primeira visita a comunidade de Nazaré. Foram dias intensos de bate papo, entrevistas, andanças, cafés na varanda do Seu Aloísio e muito encantamento. A equipe se dividiu para caminhar por Nazaré e conhecer seus moradores, iniciando uma amizade que nos levaria a construção de sonhos e futuros compartilhados. Além das conversas com os moradores, a partir deste primeiro encontro, iniciamos as rodas de conversa a partir dos bolsistas e parceiros. Como metodologia de trabalho, dividimos a equipe em cinco grupos: três duplas e dois trios. Identificamos os temas que seriam pesquisados pelos grupos a partir de uma lógica que privilegia a obtenção de informações referentes ao cotidiano dos moradores de Nazaré respeitando os fluxos diários e a dinâmica da vida local. Assim, optamos por priorizar instituições e locais onde se estabelecem as relações sociais dos moradores. Para tanto, elegemos neste primeiro momento o contato com a escola, o comércio local, a administração, alguns moradores e uma entrevista com o Senhor José Ferreira, ícone da comunidade com mais de 70 anos de idade que escreve e declama poesias e cantigas sobre a vida e história de Nazaré. Os grupos foram incumbidos de explorar seus temas livremente, falando sobre o projeto, as ideias e buscando aproximação para estabelecer trocas e parcerias a partir daquele momento.

Tudo era uma grande novidade. Dos 10 bolsistas que integravam o projeto na época, todos moradores de Porto Velho, nenhum conhecia a comunidade. Com exceção de dois bolsistas voluntários que já haviam atuado em projeto de extensão da Universidade antes, todos realizavam a primeira visita à comunidade. Este janeiro provocou uma intensa transformação em toda a equipe. Meu privilégio de poder conhecer anteriormente Nazaré e presenciar o Festejo de 2014 e a força desta comunidade em não deixar sua história morrer, tornou clara a necessidade de estreitar os laços e, por meio de uma ação de extensão, promover o intercâmbio de experiência e a interlocução entre alunos, professores e a comunidade contribuindo para que o espírito de resistência a partir da grande “inundação” não os fizesse desistir de seu momento mais emblemático de fé e coragem diante das tradições da comunidade: a festa cultural.

Após as primeiras conversas com os moradores de Nazaré, especialmente os mais experientes, pudemos perceber que os caminhos metodológicos poderiam ser inúmeros, a fim de buscar conhecer as pessoas, suas práticas e seu cotidiano. Foram traçadas algumas metas e objetivos, que tinham como finalidade recolher narrativas para que pudéssemos estabelecer roteiros de estudo, onde as histórias fossem interpretadas a partir de metodologias pautadas por estudos da oralidade. Outra estratégia aventada foi a realização de rodas de memória com a comunidade para que pudéssemos ouvir e obter informações, exibir vídeos, fazer contação de histórias para as crianças, oficinas de arte, entre outras possibilidades. A abordagem junto a comunidade também foi uma questão, via carta convite nas casas dos moradores, ou outra estratégia, mas o que importava era identificar uma maneira de estabelecer o diálogo que pudesse diferir das demais abordagens e que permitisse um entrosamento e partilha de confiança. Como pensar em recolher narrativas, estando completamente fora do cotidiano, sem nenhuma vivência que pudesse ser compartilhada? Como garantir posicionamento institucional que pudesse efetivamente contribuir com a realidade local, sem intervir a ponto de desconstruir relações estabelecidas de parceria e de convivência onde trocas pudessem se estabelecer?

Estas questões nos auxiliaram a compreender que uma das questões principais do Programa foi manter e fortalecer sua prática ético-estético-política, onde a ética é o exercício do pensamento que avalia situações e acontecimentos como potencializadores de vida; a estética propicia a criação em articulação com os diferentes modos de pensamentos, ações e sensibilidade e a política implica ampliar a capacidade de responsabilização a partir dos sentidos que são produzidos e ganham forma através as ações individuais e coletivas (GUATTARI, 1992).

Assim, com vistas a contribuir com a tríade proposta, a metodologia adotada pelo Programa foi a pesquisa-intervenção, uma tendência oriunda das pesquisas participativas que pretende investigar a vida de coletividades em sua diversidade assumindo uma intervenção de caráter socioanalítico (ROCHA, 2001).

O Inventário Participativo: No Festejo de Nazaré a Vila canta, encanta, dança e reinventa suas memórias.

O Festejo Cultural realizado na comunidade ribeirinha de Nazaré, há cinquenta anos, encanta e fortalece a identidade cultural local. O Festejo, em princípio motivado por questões religiosas, resiste em muitas comunidades ribeirinhas promovidas pelas Igrejas Católicas onde os moradores auxiliam nos trabalhos. O Senhor Manuel Maciel Nunes, em Nazaré, por anos foi o responsável pela festa em Nazaré e a incrementou trazendo elementos culturais para junto da celebração, ou seja, introduziu as apresentações de quadrilha e de Boi Bumbá, no entanto, ainda de forma tímida, pois para ele o principal motivo daquela celebração era mesmo a religiosa. Em seus últimos anos de vida, viu seus filhos tomarem a frente desta festa e a cada ano as ações culturais passaram a se tornar mais preponderantes. Desse modo ela passa a ser realizada em data diferente da celebração da Igreja, como alternativa para garantir e firmar o seu caráter cultural e festivo, em perfeita sintonia com as demais festas tradicionais da Região Norte e Nordeste.

Com sua festa, Nazaré busca preservar o modo genuíno com que recorda tais manifestações, prefere não se adequar as novas modas, especialmente as influências no Boi Bumbá e nas quadrilhas, hoje grandiosos espetáculos com muito luxo e riqueza em suas fantasias, coreografias meticulosamente ensaiadas para concorrer a prêmios altos, garantindo espetáculos para públicos cada vez mais interessados nessa engenharia de espetáculo midiático e turístico. Nazaré procura sozinha, com pouco apoio de entidades governamentais manter o espírito alegre e comunitário de sua festa. A quadrilha é incrementada por improvisos que garantem a diversão, as fantasias são aquelas de todos os anos, os moradores se sentem livres para fazer parte dos movimentos e os ensaios movimentam a vida da vila de Nazaré.

Além da Universidade, por meio do PROEP, aos poucos outros parceiros da cidade de Porto Velho puderam olhar para Nazaré e sua festa de outra forma e passaram a buscar apoios e parcerias para que a celebração cultural pudesse ter mais apoio e prosseguir com seu trabalho de memória e tradição. Hoje a família Nunes, principal articuladora da Festa, por meio do apoio do Grupo Minhas Raízes, conta com uma rede de apoiadores como jornalistas, equipes de TV, advogados,

comerciantes, produtores culturais, poetas e músicos que contribuem com a organização da festa, com sua promoção e com a manutenção do espírito comunitário. O que torna Nazaré muito especial no contexto ribeirinho de Porto Velho em Rondônia. Com apresentações culturais e artísticas tradicionais, seus integrantes são moradores da comunidade, entre eles jovens e crianças e as apresentações do boi Bumbá Curumim, da quadrilha e do Serigandô são os pontos altos da festa. O ensaio, a produção, o enredo, cenário e figurino são pensados pela comunidade de Nazaré, especialmente pelas famílias dos irmãos nascidos em Nazaré: Timaia, Túlio, Teimar e Taiguara, grande incentivadores e promotores da prática cultural ribeirinha, motivados pela memória do pai o Senhor já falecido Manuel Maciel Nunes, primeiro professor da comunidade, que viu a Vila de Nazaré crescer a partir do seringal do Senhor Nanã.

Com o intuito de valorizar o protagonismo dos moradores de Nazaré e incentivar a produção cultural local decidimos apoiar o Festejo, com elementos muito básicos, pois não tínhamos como apoiar financeiramente. O apoio se deu por meio do acompanhamento do dia a dia e principalmente da movimentação da festa, suas tensões, belezas e desafios, buscando contribuir, dessa maneira, com o fortalecimento e a preservação da produção cultural das comunidades ribeirinhas garantindo que a tradição das danças e das músicas pudessem ser potencializadas e divulgadas.

A proposta da família Nunes e dos integrantes da Velha Guarda é preservar a cultura ribeirinha através da festa que encanta o cotidiano, revisitando as lendas, as histórias da comunidade com o intuito de despertar o sentimento de orgulho beradeiro entre seus participantes e a comunidade em geral. Eles caminham sozinhos, fazem tudo. Durante a Festa de 2015, nosso apoio enquanto PROEP, foi por eles pouco utilizado e mesmo despercebido, estivemos lá o tempo todo, mas a festa faz sentido para aquela localidade com todos os seus desafios, cada dificuldade e mesmo a falta de tempo para preparar tudo é por eles também muito valorizada. Para toda ajuda oferecida, a resposta era está tudo bem, estamos quase lá, falta pouco. É mesmo tudo do jeito deles, e que bom que seja assim.

A festa é realizada com apresentação de danças regionais, como a quadrilha que é ensaiada e protagonizada pela comunidade respeitando os elementos tradicionais que a compõem desde que tiveram início na década de 1960; O Boi Curumim, com aproximadamente 100 integrantes entre personagens diversos

característicos de um Boi Bumbá, aliado a outros elementos criados pela comunidade como representantes indígenas, batuqueiros, monstro de folhas, e muitos outros. Seus integrantes são moradores, a maioria jovens e crianças da comunidade e filhos de parentes que todo ano visitam no período das festas e participam. As toadas, ponto principal para as festas de boi, são de autoria dos irmãos Nunes, grandes incentivadores e promotores da prática cultural e musical ribeirinha.

Um dos destaques do festejo cultural, e parte importante do nosso inventário é a apresentação do Seringando, dança que dialoga com o imaginário dos casais e encena uma grande disputa entre os homens e as mulheres. Em um balé divertido, onde as mulheres buscam laçar os seus parceiros que fogem dançando em ritmo animado. A brincadeira só acaba quando o último homem é laçado.

A comunidade de Nazaré valoriza esta dança centenária que tem origem no lado do Uruapiara, segundo relatos do Senhor Manuel Maciel Nunes, presente no primeiro CD do Grupo Minhas Raízes, segundo sua narrativa a dança do serigandô é uma dança baseada em uma indígena do lago do Uruapiara, que poderia ser de etnia Parintintins e Pirarãs que habitavam a região do Rio Ipixuna. As etnias, segundo o relato sempre entravam em conflitos sobre as terras e sempre que venciam uns sobre os outros escolhiam um dia de lua para celebrar a vitória com muita festa.

A dança girava em torno de uma índia que representava a etnia vitoriosa e um índio que representava o boi. A partir daí o objetivo era laçar o boi com um lenço. Com o som de um índio mais velho que puxava versos como “arriba seringado” toda a aldeia cantava e dançava em círculos. O boi laçado era jogado no meio do círculo e assim a dança seguia até que o último índio/boi já muito cansado de fugir das investidas da índia fosse laçado. Em 1966, Manuel Maciel Nunes, traz esta dança para Nazaré e desde então ela é praticada pela família do Senhor Nunes e virou letra de música do repertório do Grupo Minhas Raízes:

“Arriba seringandô
Cajueiro, cajuá
Arriba seringandô
Quereremos saiaá”

Esta dança, e o refrão que sobrevive na memória dos filhos do Senhor Manuel Maciel Nunes, representa um dos elementos centrais do inventário do patrimônio cultural desta comunidade ribeirinha, pois define claramente as raízes indígenas, os saberes populares e as marcas deixadas na memória dos mais velhos, hoje herdada por gerações que preservam em formato de música e são lembradas no Festival de Nazaré. Um estudo mais aprofundado sobre esta tradição é necessário, para que possamos buscar ainda mais elementos para transformar esta tradição em patrimônio cultural registrado. Atualmente ele vive no imaginário desta comunidade tão resistente culturalmente, mas é importante que possa enriquecer ainda mais nosso repertório de patrimônios em âmbito regional e nacional.

Além das apresentações do Seringandô, Boi Curumim e as quadrilhas, Nazaré preserva e valoriza a cantoria de sua Velha Guarda, com a participação dos homens que trabalharam no seringal de Seu Nanã, todos com muitas histórias para contar, reúnem-se para tocar violas antigas, ao som de músicas tradicionais que embalaram por décadas as reuniões para diversão destes homens carregados de emoção e de sentimentos. Eles cantam uma Nazaré de encantos e saudades. Viram a Vila nascer e contribuíram para que ela se transformasse no que é hoje, reduto de memória e tradição do Velho Baixo Rio Madeira.

Entre eles, o Senhor Artemis é professor que durante anos esteve ao lado do Seu Manoel Maciel Nunes e ajudou a formar a garotada de Nazaré na única escola de ensino fundamental. Até hoje se lembra dos bons momentos em que cuidava da comunidade e intermediava a relação dos moradores com os políticos em troca de votos. Defensor de sua terra nos recebe com um belo sorriso e muita história para contar.

O Senhor João Lobato é um romântico incorrigível, com sua viola, não dispensa a oportunidade de encantar a mulherada e chorar seus amores perdidos, roça sozinho sua terra, faz suco de cupuaçu e defende com unhas e dentes os limites de seu sítio. Suas terras limítrofes com a área de preservação ambiental não precisariam de melhor cuidado, ele desbravou no ombro cada pedaço de sua terra, para crescer Nazaré e sua produção.

Já o Senhor Venâncio cuida de sua casinha, a mais linda entre todas as lindas casas de madeira, no caminho para a Nazaré de dentro e guarda objetos relíquias e espia a movimentação da vila por suas janelas. Esta é a velha guarda, que guarda literalmente parte significativa da memória do lugar.

Em seus versos, o poeta Zé Ferreira encanta ao declamar poemas de amor a Nazaré:

É pra lá que eu vou
É pra lá que eu vou
É pra Nazaré...

Sua rotina dura entre roçados e a vida na vila não o desanima, sempre está disposto a ajudar, a conversar e a contar seus causos relacionados à época em que foi mateiro, se protegia das onças, procurava por seringueiras acumulando o desejo em aprender. Leu e escreveu tardiamente e este é seu maior orgulho. Amazonense de Manicoré faz poemas que retratam fielmente a trajetória daqueles que se dedicam em preservar as tradições herdadas do Amazonas por quem escolheu Nazaré para viver. Seu Zé Ferreira caboclo brasileiro, soldado da borracha e mateiro, como gosta de identificar nos surpreende com sua lucidez:

"Hoje eu falo para as pessoas e as pessoas não sabe nem o que eu trabalho. Eu sou professor de borracha, faço sapato de borracha... Sou professor de cassiterita, ouro, sova, castanha, hoje sou professor de terra, trato da terra, planto mandioca, faço farinha, planto café. Quando minha mulher era viva ela me ajudava. O nome dela era Anália" (transcrição de entrevista de Seu Zé Ferreira, realizada em janeiro de 2015, em sua casa, Nazaré).

Este discurso de Seu Zé Ferreira nos faz refletir sobre como perdemos oportunidades, no âmbito da Universidade de produzir novas formas de saber e de saber fazer. Um professor como o Senhor Zé, certamente poderá enriquecer o pensamento crítico para que possamos indagar e promover novos saberes. A este respeito, José Guadalupe Gandarilla Salgado, nos diz que:

El reconocimiento de la complejidad de la dinámica social, puede significar para las ciencias sociales la oportunidad de renunciar a un tipo de racionalidade ya no apropiada para nuestro tiempo... y dar paso a una disposición de racionalidad científica que ponga el acento en lo complejo, lo temporal y lo inestable...que dicho sea de paso, tomará lección de los avances más recientes de las ciencias naturales (SALGADO, 2014 p. 25).

É importante apresentar também outra figura emblemática de Nazaré, diria até elemento central de muitas das memórias compartilhadas e hoje mantidas pela

comunidade e em especial por sua família. O Senhor integrante da Velha Guarda e primeiro professor da Vila, Manuel Maciel Nunes, hoje, para orgulho da família dá nome a escola que por anos e anos formou os moradores da Vila, já citado anteriormente. Sua história merece um livro, merece uma memória digna de seus feitos e legado. Homem simples de poucas palavras possuía muita determinação e fé. Com ela criou seus filhos que hoje mantêm seu legado em lindas canções que ecoam por toda a comunidade e por toda a cidade de Porto Velho.

No entanto, com o intuito de aprofundar ainda mais a discussão a respeito do inventário, este texto que pretende de forma breve apresentar um pouco da riqueza dos muitos personagens que fazem de Nazaré um rico inventário de memórias, não poderia faltar a figura das mulheres. Muitas delas companheiras dos integrantes da Velha Guarda foram antes que seus maridos. A lida dura da vida ribeirinha as levava cedo e com elas se foram também os relatos, as memórias femininas deste cotidiano, pautado pela timidez com que as mulheres se relacionam com as questões políticas e sociais (SOUSA, Rúbia E. M. et al, 2014).

No entanto, algumas ainda povoam o imaginário dos moradores de Nazaré e uma delas é a mãe preta. Mulher que não se deixa ver e tão pouco entrevistar, que resiste firmemente às invasões externas e de forma simples e poderosa, atende aos moradores das comunidades ribeirinhas vizinhas de Nazaré. Sua capacidade é mágica de curar e de rezar. Inúmeros são os relatos dos feitos de mãe preta. Falar seu nome, já é motivo de muita energia e diríamos até de magia. Sua imagem é tão presente e respeitada que certa vez, durante os preparativos de um Festejo circulou a notícia da morte da mãe preta, por boas horas, até que o boato fosse desmentido, o Festejo foi suspenso. Imagina que Nazaré ia comemorar? A Vila chora a ideia de perder sua mãe protetora.

O imaginário popular já é somado a uma enormidade de outras crenças e influências e, neste contexto, as rezadeiras e benzedadeiras são relegadas ao esquecimento. Esta influência ainda resiste, mas é necessário que possa ser ressignificada para que tenhamos a oportunidade de aprender com as mães pretas e fazer delas alimento para uma formação que pressuponha o respeito a outras possibilidades de entendimento do mundo e de construção de conhecimento.

Mãe preta nos faz refletir sobre o papel desempenhado pelas mulheres de Nazaré, que em articulações específicas como a cooperativa de mulheres ribeirinhas, somam aos diferenciados contextos de feminismos e corroboram a ideia

dos feminismos andino, populares e comunitários, como destaca Margarita Aguinaga Barragán et al, ao reconhecer nestes feminismos um novo tipo de universalidade, onde as diversidades são assumidas com toda a sobrecarga colonial e enfrentam uma batalha política para construir caminhos de reconhecimento, diálogo e construção coletiva e transformação da sociedade de forma mais ampla (BARRAGÁN ET AL, 2011).

Inúmeras são as possibilidades, a partir do trabalho realizado em Nazaré, de aprofundamento teórico com base nos referenciais decoloniais. Os estudos decoloniais atualmente representam forte influência contra as posições unilaterais, preconceituosas e colonizadoras que reforçam a diferença e a inferioridade dos povos tradicionais, de suas culturas e dos modos de produzir conhecimentos. O mergulho na realidade social de Nazaré permite estudos que fortalecem os pressupostos e enfrentamentos descolonizadores de práticas culturais, com vistas ao fortalecimento e valorização da cultura local como fonte de conhecimento geradora de oportunidades e desconstruções.

A Universidade, a Extensão e a Comunidade de Nazaré.

O Programa de Extensão denominado Em Defesa do Patrimônio Cultural Ribeirinho buscou inspiração em outros programas de extensão de outras instituições de ensino superior dos Países² com propósitos sociais e voltados para a valorização de patrimônios culturais, com vista à sua defesa e proteção. Desde o primeiro instante buscamos reforçar o entendimento de extensão universitária e o que significava este conceito para a Universidade Federal de Rondônia, com sua missão de formar e atender as necessidades da sociedade, neste caso as comunidades ribeirinhas. Nossa intenção é provocar uma reflexão a respeito da responsabilidade social da universidade perante os problemas do mundo contemporâneo assunto

² Como exemplos, citamos o Programa Comunidade FURG – COMUF, coordenado pelo Professor Jean Baptista e desenvolvido pela Universidade Federal do Rio Grande, com o objetivo de contribuir com a criação de mecanismos de mediação entre os interesses da comunidade e a universidade com vistas à proteção e o reconhecimento de práticas tradicionais, políticas de inclusão e ações pró-patrimoniais. E o programa de Preservação do patrimônio Cultural da região do Anglo, coordenado pela Professora Nôris Mara Pacheco Leal, da Universidade Federal de Pelotas, desenvolvido nos bairros com forte ocupação histórica teve como objetivo identificar e fortalecer as memórias e histórias locais em parceria com a comunidade. Ambos os projetos foram fonte de inspiração e diálogo para o desenvolvimento do Proep.

extremamente debatido e bastante relevante para justificar esta iniciativa e como vamos lidar com os resultados encontrados durante os anos de atuação do PROEP e os que seguem. Boaventura de Souza Santos a respeito da extensão universitária chama atenção para o fato de que:

“A área de extensão vai ter no futuro próximo um significado muito especial. No momento em que o capitalismo global pretende funcionalizar a Universidade e, de facto, transformá-la numa vasta agência de extensão ao seu serviço, a reforma da Universidade deve conferir uma nova centralidade às atividades de extensão (com implicações no curriculum e nas carreiras dos docentes) e concebê-las de modo alternativo ao capitalismo global, atribuindo às Universidades uma participação activa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural. (SANTOS, B. S, 2004).

Com vistas a propor caminhos que pudessem fortalecer os vínculos da Universidade com a comunidade, buscando diálogos que permitissem uma participação ampliada e pautada por uma reflexão crítica, partimos do caos causado pela grande “inundação” de 2014, como já mencionado, em busca de contribuir para o não esmorecimento das famílias que ainda resistiam. A cidade de Porto Velho sofreu com os impactos causados pela Hidrelétrica de Santo Antônio, ao abrir suas comportas de água, sem considerar os estragos que causariam para a cidade, especialmente para os moradores das comunidades ribeirinhas. Com isso, o Rio subiu mais que o previsível e deixou submersa parte significativa das vidas destas pessoas. Em especial, deixou submersas as forças para seguir resistindo aos desmandos a que estão sendo submetidos.

Com o intuito de contribuir com a capacidade de se transformar e resistir das comunidades ribeirinhas do Baixo Rio Madeira, frente a tantos desafios, é importante destacar a importância de promover, no âmbito da Universidade, outras oportunidades para o “confronto comunicativo entre saberes”, onde a hegemonia da produção de saberes das Universidades possa ser desconstruída a partir de sua reconfiguração, proporcionando o diálogo e a valorização de formas alternativas de produção de conhecimentos sobre a realidade (SANTOS, 1999, p. 224).

Nada mais enriquecedor que observar a trajetória da Velha Guarda e o desenvolvimento do Festejo Cultural, como elementos fundamentais para traçar a vida cotidiana desta vila. Muitos conhecimentos podem se cruzar às falas

carregadas de memórias, tecem uma forte teia de relações, produções simbólicas, negações e afirmações que nos permitem compreender como tais saberes incentivam a produção de reflexão acerca do local onde vivemos e de como podemos nos relacionar com essa forte produção de vivências e de encantamentos. Não podemos desperdiçar nada. O Seu Zé Ferreira participou como convidado especial de um Sarau na Casa de Poesia e Memória Arigóca. Foi para ele um grande dia. Um grande momento de inspiração e de prazer. Afinal, o professor de tantas coisas, naquele momento era professor de poesia. E que lindas poesias. A cada momento um forte potencial criador emerge das conversas, uma grande diversidade de conhecimentos acerca da floresta e da vida é percebida. A esse respeito traçamos um paralelo com:

A Colonialidade do Saber, ao recuperar a simultaneidade dos diferentes lugares na conformação de nosso mundo: abre espaço para que múltiplas epistemes dialoguem. Em *nuestra América* mais que hibridismos há que se reconhecer que há pensamentos que aprenderam a viver entre lógicas distintas, a se mover entre diferentes códigos e, por isso, mais que multiculturalismo sinaliza para interculturalidades (S. R. Cucicanqui e C. Walsh, entre muitas e muitos), para gnosés liminares (Mignolo), para diálogo de saberes (Leff, Porto-Gonçalves). (Porto-Gonçalves, 2005. p. 03).

Nazaré é objeto de muitos projetos sociais desenvolvidos pela Universidade, e por outros organismos não governamentais, alvo de programas diversificados, pouco experimenta a apropriação de seus resultados. Além dos trabalhos acadêmicos que já se debruçaram sobre suas belezas, peculiaridades e desafios. No entanto, é importante refletir sobre os movimentos traçados entre estes projetos desenvolvidos e os trabalhos científicos realizados, para quem sabe aferir os benefícios acumulados pela comunidade, as trocas, as reflexões, as discussões. Esta questão é mesmo a principal e nos move ao buscar perceber em que momento existe o diálogo e a troca de saberes provocada por estas interações. Este estudo ainda necessita ser iniciado e os resultados, alvo de uma discussão.

O Grupo Minhas Raízes e o Instituto Minhas Raízes, são atualmente componentes de articulação da comunidade e são representantes de uma família bastante respeitada em Nazaré, a Família Nunes. Os filhos do Senhor Manuel Maciel Nunes, herdaram do pai o dom da música e, por meio dela, criam canções

que retratam o dia a dia da comunidade, ressaltando as belezas do lugar e os sofrimentos a que são submetidos. Como parte integrante e detentores dos “direitos” em organizar a festa, esta família se desdobra para dar conta dos festejos e da programação cultural da comunidade. Timaia Nunes representa o elo entre o pai e as tradições, residindo em Nazaré mantém firme os exemplos herdados pelo pai e segue na tentativa de manter fortalecida a memória e a força da festa e de seus costumes. Na cidade, em Porto velho os outros irmãos Tullio Nunes e Teimar, estabelecem a ponte com a cidade, com as oportunidades para apresentações artísticas do Grupo Minhas Raízes em diversas apresentações e administram o Instituto Minhas Raízes, instituição que tem como missão viabilizar as ações culturais, artísticas e socioambientais que tenham em Nazaré destino final.

Para o desenvolvimento das atividades na comunidade, estes parceiros foram fundamentais, garantindo a articulação necessária e o respaldo para que pudéssemos juntos elaborar, por exemplo, a XVII Conferência Internacional do MINOM, na comunidade de Nazaré, em um dos eventos mais lindos que tive a oportunidade de realizar e participar. Foram dias longos de negociação, de esclarecimentos para que o Instituto pudesse perceber a oportunidade que se aproximava. Os limites de entendimento, a proposta audaciosa e a desconfiança natural fizeram com que os preparativos fossem dolorosos a ponto de uma incessante busca por entendimentos fosse travada. É cada vez mais importante, o incentivo para que grupos como o Minhas Raízes possa se fortalecer diante de um mercado e de instituições públicas que veem nestes grupos, um voluntariado seguido de abnegação que em nada os fortalece. É fundamental que estes entes governamentais apoiem esses grupos para que possam seguir fortalecendo tais práticas que são, sem dúvida nenhuma, uma atração artística que agrega valor e proporciona reflexão a partir de sua arte resistente.

Sabores da Terra
(Timaia Nunes)

Gosto de cantar com os amigos na terra querida
De fazer dessa vida a mais bela das vidas
Desse chão sou também a mais bela cantiga
Sou braço do Madeira e gosto de falar
Da fartura, alimento de todo lugar
Em tudo que há, em tudo que dá

Tem pirão, tucupi, suco de caju

Vinho de Açaí, jaraqui na brasa, também jabuti
Menino vem cá tomar patuá com farinha d'água
Comer piquiá vem logo pra cá provar dos temperos
Do nosso lugar.

Sabores da minha terra, sabores da minha vida.

Um Museu em Nazaré: Território de Memórias

Nos objetivos do Proep, não citamos o Museu, apenas uma exposição itinerante que pudesse revelar uma comunidade resistente e também provocadora de novas possibilidades de compreender a vida ribeirinha. Foi justamente no decorrer do desenvolvimento das atividades do programa, que a ideia de museu foi se consolidando como uma oportunidade. Isso, principalmente, pela vontade de memória observada em grupos da comunidade. A memória viva de Seu Manoel Maciel Nunes e o esforço por manter vivo o Festejo, são elementos que justificam o interesse da comunidade por um espaço que possa agrupar suas memórias atraindo visitantes. No entanto, a magia do território e sua força, puseram outras possibilidades como alternativas para o museu. Para além de paredes, é necessário contemplar o Rio e o diálogo deste com as estrelas, é necessário perceber o pescador e o trabalhador da roça de mandioca e de melancia, perceber o peixe frito na beira do Igarapé e também colher cupuaçu para o suco da tarde.

É necessário compreender Nazaré e suas possibilidades como fonte de inspiração para rompermos a lógica que está centrada na ideia de “desenvolvimento” como algo que pressupõe um processo cíclico e natural em benefício da melhoria da qualidade de vida, há que pensar em alternativas a esta concepção de bem-estar pautado pela dicotomia “riqueza e pobreza” “desenvolvido e subdesenvolvido”. A ideia de desenvolvimento foi construída e está pautada na ideia da expansão dos modos de produção, distribuição e consumo capitalista, associado à acumulação de bens materiais como horizonte de uma vida melhor, boa (LANG, 2016).

Esta concepção nos auxilia pensar no Museu como uma estratégia que pode inspirar e promover uma discussão acerca do que significa permanecer na beira do Rio como opção e como resistência. Aliado aos pressupostos da Museologia Social que apresenta uma perspectiva de transformação social na medida em que este

campo de conhecimentos vem se fortalecendo por provocar espaços de discussão e articulação entre organismos da sociedade civil que tenham como base o poder da memória como alternativa de enfrentamento social.

Os museus podem refletir uma sociedade que tem a capacidade de indignar-se e, cientes disso, algumas práticas museais fazem desta capacidade de indignação opção para a melhoria das condições de vida de grupos minoritários e excluídos. Os museus indignados são instrumentos que permitem a aplicação de teorias críticas e uma delas, o Bem Viver, encontra em Nazaré cenário e condições favoráveis para ser estimulada, dadas a realidade do lugar e o esforço de seus moradores em preservar as tradições e memórias. Arelados à ideia do Bem Viver, é espaço que pode gerar elementos que nos permitam superar o tradicional conceito de “desenvolvimento” e seus sinônimos, por meio de um processo que leve em consideração a matriz comunitária dos povos que vivem em harmonia com a natureza. A experiência preconiza a convivência entre comunidade e natureza, zelando pela dimensão compartilhada de uma vida que prioriza outros futuros possíveis, longe de uma lógica imperialista de poder, lucro e acúmulo de bens econômicos.

A discussão toma mais fôlego a partir da realização da XVII Conferência Internacional do MINOM realizada na comunidade, oportunizando os participantes e a comunidade envolvida pensar como os museus podem servir para garantir respeito e igualdade de condições políticas e sociais na comunidade? Assim, em consonância com as discussões provocadas pelo Conselho Internacional de Museus para a edição deste ano do Dia Internacional de Museus: "Museus e histórias controversas: dizer o indizível em museus", buscamos inspiração para pensar em Nazaré e estimulá-la a assumir o compromisso de narrar e estar a serviço de uma memória de resistência e de valorização local. Ancorado em práticas desafiadoras que buscam refletir sobre os silêncios e, especialmente, sobre as narrativas colonizadoras e homogeneizadoras recorrentes em outros espaços de memória e de poder. É preciso ser um museu transgressor e estar aliado à força do território que beira o Rio Madeira.

Caso este museu nasça, ele terá como pressuposto a acolhida da comunidade, que certamente precisará estar preparada para construí-lo. O Proep plantou sementes e pretende regá-las. O intuito é provocar potência junto ao desejo já manifestado por seus moradores por memória. Com base nos ideais da

museologia social e na Missiva de Nazaré, pretendemos manter a memória da comunidade acesa. Bem acesa! A Universidade pode ajudar a manter a chama até que juntos, comunidade e Universidade, possam dar os primeiros passos rumo a esta construção. É preciso que os desafios relacionados ao museu sejam ultrapassados por estes moradores que fazem todos os anos um museu espetacular: o Festejo Cultural. Este sim, no momento, é o museu que Nazaré sabe realizar. Estaremos juntos nos fortalecendo mutuamente, universidade, discentes, moradores, parceiros, professores e técnicos.

Conclusões

Segundo Eduardo Galeano “*Somos lo que hacemos, y sobre todo lo que hacemos para cambiar lo que somos: nuestra identidad reside en la acción y en la lucha*” (GALEANO, 1991, p. 10). Para Galeano, saber quem somos implica também denunciar o que nos impede de ser quem podemos ser, pois somos definidos a partir do desafio e em oposição ao obstáculo. Esta reflexão é inspiradora. Revela uma oportunidade que não foi perdida nos anos em que andamos pelo território de Nazaré, experimentando suas riquezas, inseguranças, conflitos, incoerências. Inspirados por um momento de profunda crise, gerada pela “inundação” de 2014, a Universidade foi fundo no processo de compreender o que poderia experimentar em uma comunidade tanta força e perseverança para permanecer resistindo em um cenário de total abandono e desestímulo. Esta pergunta e a busca por uma resposta contribuiu para a percepção de uma realidade nova para nossa prática extensionista, revelando que a Universidade, pode cumprir seu papel e estreitar laços que beneficiem uma construção mútua de saber e de resistência a partir do enfrentamento a um sistema desumano que gera tanto impacto negativo.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. O Bem Viver. Editora Elefante, 2015.

BARRAGÁN, M. A.; LANG, M.; CHÁVEZ, D. M.; SANTILLANA, A. Pensar a partir do feminismo. In: Descolonizar o Imaginário. DILGER, Gerhard; LANG, Miriam; FILHO, Jorge Pereira (Org.) Editora Elefante. 2011.

GALEANO, Eduardo. El Tigre Azul y otros relatos. 1991, p. 10.

GUATTARI, F. Caosmose. Um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

LANG, Miriam. Alternativas ao Desenvolvimento. In: Descolonizar o Imaginário. DILGER, Gerhard; LANG, Miriam; FILHO, Jorge Pereira (Org.) Editora Elefante, 2016.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Apresentação da Edição em Português. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005.2005. p. 03

ROCHA, Marisa Lopes da. Pesquisa-Intervenção e a produção de Novas Análises. In: Revista Psicologia Ciência e Profissão. 2003 (23) 4. 64-73.

SALGADO, José Guadalupe Gandarilla. Universidad, conocimiento y complejidad: aproximaciones desde un pensar crítico. Plural Editores, La Paz. 2014 p. 25.

SANTOS, Boaventura de Souza. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. – 4. ed. – São Paulo: Cortez, 2002.

_____. (org.). Conhecimento prudente para uma vida decente. - 1. ed. - Porto: Afrontamento. 2005.

_____. Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. Editoria Cortez - 6.ed. São Paulo. 1999, p. 224.

SILVA, Regina; SATO, Michèle. Territórios e identidades: mapeamento dos grupos sociais do Estado de Mato Grosso–Brasil. Ambiente & Sociedade, v. 13, n. 2, p. 261-281, 2010.

SOUSA, Rúbia Elza Martins de; et all. Relações de gênero no espaço da produção do distrito de Nazaré - RO. Resumo 3 SERNNE, Universidade Federal da Paraíba. 2014.